A crítica da crítica essencialista da cibercultura

The critique of essentialist critique of cyberculture

ANDRÉ LEMOS*

Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação,
Departamento de Comunicação. Salvador-BA, Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a perspectiva crítica da cibercultura a partir da discussão sobre a essência da tecnologia. Para tanto, o artigo retoma a discussão clássica sobre a essência da técnica e a atualiza a partir das visões dos novos críticos da cultura digital. O argumento central é que a perspectiva crítica tradicional (fundamentalista ou pessimista) falha ao abordar os fenômenos da cultura digital pelo viés essencialista. É proposta uma análise da cibercultura pela Teoria Ator-Rede (TAR) já que uma visão focada no *oligóptico*, presa às redes constituintes do fenômeno técnico, fiel às associações que formam o social, pode oferecer uma solução ao fracasso empírico da crítica.

Palavras-chave: Tecnologia, crítica, essência, teoria ator-rede, cibercultura

* Doutor em Sociologia pela Université René Descartes, Paris V, Sorbonne. Pesquisador 1A do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq/MCT) e Professor Associado IV da UFBA. Coordenador do Lab404 – Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço. E-mail: alemos@ufba.br

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the critical perspective of cyberculture from the discussion on the essence of technology. The article revisits the classic discussion about the essence of technology and updates it from the visions of the new critics of digital culture. The central argument is that traditional critical perspective (fundamentalist or pessimistic) fails to address the phenomena of digital culture by essentialist bias. It proposes an analysis of cyberculture by Actor-Network Theory (ART) since a focused view, stucked to the constituent networks of technical phenomenon, and attached to social associations may offer a solution to the empirical failure of criticism.

Keywords: Technology, critic, essence, actor-network theory, cyberculture

DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p29-51

Conceber humanidade e tecnologia como polaridade é desejar afastar a humanidade: nós somos animais sociotécnicos, e cada interação humana é sociotécnica. Nós nunca estamos limitados aos laços sociais. Nós nunca estamos diante dos objetos. Este diagrama final recoloca a humanidade no seu lugar – no cruzamento, a coluna central, a possibilidade de mediação entre mediadores[1].

Bruno Latour (1994b: 64).

1. "To conceive humanity and technology as polar is to wish away humanity: we are sociotechnical animals, and each human interaction is sociotechnical. We are never limited to social ties. We are never faced with objects. This final diagram relocates humanity where we belong – in the crossover, the central column, the possibility of mediating between mediators" (Tradução do autor, nesta e nas notas seguintes).

INTRODUÇÃO

É FREQUENTE OUVIRMOS CRÍTICAS às novas tecnologias. A questão do determinismo tecnológico vem sempre à baila para estancar as esperanças ingênuas no uso humano dos mais diversos artefatos. Por outro lado, é também frequente ouvirmos elogios, mostrando o caráter emancipador que os dispositivos e redes técnicas trouxeram e ainda trazem para a humanidade. Ambas as perspectivas, tomadas de forma exclusiva, estão equivocadas.

Desde o surgimento dos primeiros computadores e das redes telemáticas, há um acirramento dessas visões. Para o melhor ou o pior, afirmam pessimistas e otimistas, a técnica age a partir de seus mecanismos intrínsecos, sua substância, sejam eles movidos por tendências positivas ou negativas, mas contra as quais não adianta lutar. É simplesmente assim. Para uns, a internet é emancipadora. Para outros, ela é totalitária. Para uns, as redes sociais são a nova potência da socialidade, para outros, o fim dessa mesma socialidade. Para uns, os livros e a leitura estariam em perigo, para outros, em franco desenvolvimento. Para uns, os games são arte e possibilidade de expandir a cognição e a destreza corporal, para outros, fonte de alienação, violência e isolamento.

Vou tentar mostrar neste artigo que ambas as posições pecam justamente por sustentar, implícita ou explicitamente, uma visão essencialista do fenômeno tecnológico. Tanto os que chamaremos aqui de críticos, quanto os que a eles se opõem, os fundamentalistas, ao partirem de análises de essências imutáveis, perdem a constituição das diversas redes sociotécnicas que se formam em cada relação com os objetos técnicos. Perdem assim a possibilidade de descrever as associações que formam empiricamente o social. A técnica não pode ser compreendida fora das relações que a compõe, isolada em domínio autônomo. Ela é, antes de tudo, mediação.

A Teoria Ator-Rede (TAR) propõe evitar partir de análises que tomem como indiscutíveis as essências e que coloquem em marcha polarizações entre humanos e não humanos. A "técnica" deve ser vista menos como substantivo e mais como movimento de composição de humanos e não humanos, no qual sujeito e objeto se constroem mutuamente. Como explica Bruno Latour: a "ação técnica é uma forma de delegação que nos permite mobilizar, durante

as interações, movimentos realizados em outros lugares e tempos por outros actantes" (1994a: 52)[2].

Tomando a técnica como uma extensão do homem, como fator externo, os estudiosos críticos e fundamentalistas purificam o fenômeno, perdem-no de vista e enquadram-no em estruturas que congelam, para o melhor ou o pior, as suas relações. Mais importante do que a estrutura pontual e provisoriamente estabelecida, dando resposta às questões, deve-se buscar a constituição das redes sociotécnicas, seus *scripts* e *descriptações*, visualizar e descrever as relações sempre abertas e em movimento, sempre irredutíveis a qualquer outra associação, que se realizam entre aqueles que provocam ações, sejam humanos ou não (os *actantes*[3]).

Para compreender a cultura contemporânea, e mais particularmente a cultura digital, devemos estar mais próximos do empírico, da rés-do-chão. Mais ainda, entender que todo dispositivo técnico deve ser reconhecido não como uma individualidade, fechada, acabada e autonomamente agindo sobre outras, mas como uma *mônada*, como um *ator-rede* que age e é agido a depender das associações formadas (sempre irredutíveis umas às outras). Assim sendo, o ator--rede se define pelas associações às quais ele se vincula, a cada momento, e não por uma substância ou uma essência. Ele é mais subsistência do que substância, como afirma Latour (2012) na sua enquete sobre os modos de existência. Ele é mais um *être-en-tant-qu'autre* (na luta pela subsistência) do que um *être-en--tant-qu'être* (fechado em sua essência e substância).

Vou rastrear, em um primeiro momento, as origens desta má compreensão da técnica e da tecnologia, depois aponto as formas da crítica contemporânea e, por fim, apresento a TAR como uma possibilidade teórico-metodológica para escapar da crítica essencialista da tecnologia e voltar os olhos para as descrições das redes sociotécnicas instituídas empiricamente.

A ESSÊNCIA DA TÉCNICA

Tanto otimistas como pessimistas insistem em defender suas posições baseados em uma essência da técnica. É nesta visão essencialista que se situam muitos dos pensadores contemporâneos das mídias digitais. Para sustentar meu argumento é necessário retomar rapidamente à gênese desta crítica, como mostrei em outro trabalho (Lemos, 2002, 2013[4]). Veremos, mais adiante, como esta perspectiva é equivocada se olharmos a *técnica* pela ótica da TAR.

A crítica contemporânea da tecnologia é marcada pela filosofia da técnica originada no pensamento de Platão (1985) e de Aristóteles (1990). Platão buscava mostrar como a contemplação filosófica era a atividade mais importante, acima da *tékhnè* (o saber-fazer prático), dos manuais e das receitas dos sofistas.

2. "Technical action is a form of delegation that allows us to mobilize, during interactions, moves made elsewhere, earlier, by other actants".

3. Termo criado por Lucien Tesnière e usado na semiótica para designar o participante (pessoa, animal ou coisa) em uma narrativa literária. Para Greimas (1974), actante é quem ou o que realiza a ação.

4. Parte deste texto retoma outros trabalhos escritos pelo autor. Não vou me alongar muito nas origens da filosofia da técnica na Grécia antiga. Apenas aponto aqui suas origens e concentro a discussão em Heidegger (1958) e Ellul (1968, 1974).

A *tékhnè* é oposta ao saber teórico-contemplativo, a *épistémè*. Já para Aristóteles (na sua Física), a atividade prática é inferior às coisas da natureza, pois nenhuma coisa fabricada possui nela mesma, o princípio de sua fabricação (*poièsis*). A *physis* é autopoiética, a *tékhnè* poiética. Consequentemente, as filosofias de Platão e de Aristóteles vão influenciar toda a percepção das artes práticas, consideradas inferiores à atividade intelectual e às coisas da natureza (*physis*). O saber-fazer prático se apresenta também, para os mitos gregos, como formas de transgressão do espaço sagrado, sendo exercido sempre sob ameaça de severas punições (o mito de Prometeu, de Sísifo, por exemplo). Tal concepção grega marcará profundamente a visão atual da tecnologia.

Mas será na era contemporânea, com o filósofo alemão Martin Heidegger, que a filosofia essencialista da técnica ganhará seu mais importante impulso. Em *A questão da técnica* (1958), Heidegger se pergunta sobre a essência da técnica moderna. Ele busca identificá-la por oposição à essência das técnicas antes da revolução científica. Heidegger afirma que tentar entender a técnica pela sua concepção instrumental ou antropológica, não nos revelaria toda a sua essência. A técnica definida como um saber fazer, uma arte, um meio e uma atividade produtora – *poiética*, portanto – do homem, é exata, sem ser necessariamente verdadeira.

Tekhnè e *poièsis* estão no campo da produção. Por produção Heidegger compreende o processo que revela uma verdade escondida, velada. É a *poièsis* que faz com que uma coisa passe do estado latente ou ausente à presença. Produção é *poièsis*, que pode ser natural (*physis*), como o nascimento de uma flor, ou artificial (*tekhnè*), como a construção de uma mesa. Heidegger vai explicar que *poièses*, produção (passagem do ocultamento ao desocultamento) é, em latim, *veritas*, verdade, justamente *Aleteia* (desvelar). Portanto, toda *poièsis* (seja a *physis* ou a *tekhnè*) é um ato de desvelamento da verdade. Toda atividade técnica é um modo de desvelamento, um modo de ser do homem no mundo.

Heidegger é um filósofo do desvelamento. Para ele, todo objeto real é inescrutável em sua essência, valendo-se do seu *das geviert* para chegar o mais próximo possível de sua verdade última[5]. Contrariamente à perspectiva instrumental e antropológica, a técnica para Heidegger não seria apenas um meio zoológico de evolução da espécie, como pretende Leroi-Gourhan (1964, 1971), nem um modo de evolução originário de uma unidade mágica perdida, como afirmava Simondon (1958), mas sim, um modo de desvelamento, um modo de existência do homem no mundo, ligando-se ao seu destino.

5. Sobre a quadratura e o objeto real, ver Harman (2011).

O que vai caracterizar a essência da tecnologia moderna é, para o filósofo alemão, um modo de desvelamento baseado na ciência moderna, originada no século XVII, tendo como princípio uma relação específica com a natureza

(empirismo, quantificação matemática, universalismo). O modo de desvelamento da tecnociência moderna é exercido como uma provocação científica da natureza, através da qual esta é forçada a liberar matéria e energia para o livre controle e manuseio humano. A essência da técnica moderna tem por base este modo de desvelamento: um modo de produção provocante da natureza, o que ele chamou de *Gestell* (ou às vezes *Ge-stell*; *arraisonnement*, em francês; dispositivo, para algumas traduções brasileiras), que faz da natureza um reservatório, um estoque à disposição para livre manipulação humana. *Gestell* é a essência da técnica moderna, um modo científico de controle da natureza, tomando-a como reservatório e estoque, à disposição. Como forma do homem estar no mundo (já que, para Heidegger, o homem tem que *construir para habitar*), o *Gestell* é, ao mesmo tempo, destino e perigo (respectivamente *Geschick* e *Gefahr*).

O curioso é que *Gestell* não tem nada de técnico. Ele revela-se antes do surgimento da técnica moderna, marcada pela Revolução Industrial inglesa do século XVIII. É a física moderna que prepara o terreno para o surgimento da tecnologia moderna. Ou seja, é a ciência moderna que prepara as condições para tratar a natureza como estoque, implicando em uma forma legitimada de provocação humana pelos dispositivos. Aparece assim, pela primeira vez na história, uma atividade (técnica) resultante de uma ciência aplicada, tomando a natureza como campo de requisição e controle (o reino do *Ge-stell*, do *pro--vocar*). Como afirma Heidegger:

> O Gestell é o que permite esta interpelação, que coloca o homem em posição de desvelar o real como fundo no modo do "cometer". Na medida em que ele é assim provocado, o homem se mantém no domínio essencial do Gestell. (…) A essência da técnica moderna coloca o homem no caminho deste desvelamento segundo o qual, de uma maneira mais ou menos perceptível, o real torna-se fundo (1958: 32-33)[6].

A tecnologia moderna nada mais é que a concretização dos planos dessa *Big Science*, marcando o surgimento de uma forma técnica, a tecnologia, de uma forma sociocultural, a tecnocultura, e de uma forma ecológica, tecnosfera. A tecnologia, ou a tecnociência moderna, é resultado do casamento entre a ciência e a técnica num processo de cientifização da técnica e de tecnização da ciência autônoma e instrumental sendo, na maioria das vezes, associada a projetos políticos tecnocráticos e, como tais, futuristas, militaristas e totalitários. Este processo vai culminar em pleno século XX, com os Centros de Pesquisas e Desenvolvimentos (P&D), determinando a fusão da ciência com a técnica.

A técnica, em sua essência, torna-se o fazer transformador humano que prepara a natureza à formação da espécie e da cultura humana (e não mais Deus). E a explicação dos fenômenos fica por conta da ciência (e não mais da

6. "L'Arraisonnement est ce qui rassemble cette interpellation, qui met l'homme en demeure de dévoiler le réel comme fonds dans le mode du "commettre". En tant qu'il est ainsi pro--voqué, l'homme se tient dans le domaine essentiel de l'Arraisonnement. [...] L'essence de la technique moderne met l'homme sur le chemin de ce dévoilement par lequel, d'une manière plus ou moins perceptible, le réel partout devient fonds".

religião). Prepara-se, portanto, uma modernidade dessacralizada, desencantada, como dizia Weber, que vai, como veremos mais adiante, produzir mais e mais seres híbridos da técnica e, ao mesmo tempo, ocultá-los justamente em sua visão substantiva. Para Heidegger, entretanto, todo perigo está aqui, neste afastamento do homem de seu destino (aberto e negociado) para com a natureza (uma cabana na floresta negra), e na constituição de um outro que toma a natureza como um reservatório (uma usina hidroelétrica ou nuclear). A técnica moderna é uma provocação científica da natureza. Não é à toa que a crítica passa a ter como base esta nova visão essencialista da técnica que institui uma perspectiva nefasta renovada dos artefatos após os filósofos gregos.

Na mesma época, Jacques Ellul (1968), teólogo, filósofo e sociólogo francês, em *A técnica e o desafio do século*, mostra pelo lado da história, da dinâmica social e da cultura, as diferenças entre as técnicas modernas e as mais antigas. Ellul vai desenvolver uma visão sistêmica, fatalista e fechada da técnica, separando definitivamente homem e técnica, instituindo uma visão centrada em um determinismo tecnológico difícil de escapar. Tudo para ele, nas sociedades modernas, é dirigido pela técnica, entendida como uma razão instrumental que tem no homem apenas um objeto de seu desenvolvimento planetário. O seu pensamento marcará os modernos críticos da técnica e da comunicação contemporânea.

Para o pensador francês, nas sociedades arcaicas, a técnica aplicava-se a alguns domínios da sociedade, já que o homem jamais ligou seu destino ao progresso técnico. Não há grandes variedades de meios para se atingir um resultado e o modo do uso era mais valorizado do que o aperfeiçoamento particular de determinadas técnicas. Assim sendo, o mundo técnico anterior aos séculos XVII e XVIII (vejam que isso coincide com o surgimento da essência da técnica moderna em Heidegger) é sempre local, no qual a evolução não é vista pela lógica da progressão das técnicas e do destino ligado à inovação dos artefatos. O homem domina o processo e dá a ele a sua dimensão. Para Ellul,

> As técnicas provenientes da ciência aplicada datam do século XVIII e caracterizam nossa civilização. O fato novo é que a multiplicidade das técnicas as faz literalmente mudar de caráter; sem dúvida, são oriundas de princípios antigos e parecem o fruto de uma evolução normal e lógica; todavia, não constituem mais o mesmo fenômeno. Com efeito, a técnica assumiu um corpo próprio, tornou-se uma realidade por si mesma. Não é mais apenas meio e intermediário; mas objeto em si, realidade independente e com a qual é preciso contar (1968: 65).

Esta situação vai caracterizar a técnica moderna já que não são mais as necessidades externas que passam a determinar o desenvolvimento das técnicas,

mas justamente as suas ordens internas, suas necessidades intrínsecas. Assim, para Ellul, a técnica moderna tem na sua essência a obediência a suas próprias leis, às suas próprias necessidades internas, transformando a realidade humana em suas próprias determinações. Para Ellul, o homem vai perder o controle no destino da técnica e passará a ser apenas um instrumento de um sistema global regido pela razão. Ele afirma:

> Nesse acoplamento do homem e da máquina, há realmente composição de um homem novo: pois insiste-se sempre na tendência atual da adaptação da máquina ao homem. É um grande processo, sem dúvida alguma, que apresenta, no entanto, uma contrapartida: supõe a adaptação perfeita desse homem a essa máquina. O homem atualmente já está modificado; é a esse homem adaptado que se procura adaptar o aparelho. (…) quanto mais a máquina (e por máquina entendo também a organização) se torna monumental e meticulosa, mais é rigorosamente calculada para determinado homem e mais o binômio homem-máquina tende a torna-se indissolúvel (Elull, 1968: 405-406).

Para Ellul, os caracteres da relação entre técnica, cultura e sociedade são comuns a todas as civilizações até o século XVIII. Será com a técnica moderna que a sociedade passará por uma grande transformação que transportará a sociedade para um sistema fechado, universal, automático, mudando para sempre a face do planeta. A técnica é, portanto, autônoma em relação ao homem. Esta é a sua essência. Segundo Ellul, os seus principais caracteres, ou a essência da técnica moderna pode ser expressa assim: Racionalidade, Artificialidade, Automatismo, Autocrescimento, Unicidade, Universalismo e Autonomia. Vejamos.

A *racionalidade* tende a submeter ao mecanismo o que pertence à espontaneidade ou ao irracional. Toda intervenção técnica é, com efeito, uma redução ao esquema lógico dos fatos, das pulsões, dos fenômenos, dos meios, dos instrumentos. Só existe o que é racional. É pelo seu caráter *artificial* que a técnica se opõe a natureza. O mundo constituído progressivamente pelo acúmulo dos meios técnicos é um mundo artificial e, portanto, radicalmente diferente do mundo natural. O *automatismo* consiste na orientação e escolhas regidas pelas lógicas internas das técnicas. A atividade técnica elimina automaticamente toda atividade não técnica, ou a transforma em atividade técnica. Consequentemente, a técnica chegou a tal grau de desenvolvimento que se transforma e progride quase sem intervenção decisiva do homem. É o *autocrescimento*. O progresso técnico tende a efetuar-se em progressão geométrica. Além disso, a técnica evolui por causalidade e dentro de sua lógica formando um sistema unificado e universal: é o que Ellul chama de *unicidade*, ou insecabilidade. Com o *universalismo* técnico, a área de atuação da técnica é o mundo como um todo,

levando ao que chamamos hoje de *mundialização* ou *globalização*. Mais ainda, ela é *autônoma*, já que condiciona e provoca as mudanças sociais, políticas e econômicas formando um verdadeiro sistema técnico. Ou seja, para Ellul:

> A técnica condiciona e provoca as mudanças sociais, politicas e econômicas. É motor de todo o resto, apesar das aparências, apesar do orgulho do homem que pretende que suas teorias filosóficas ainda têm uma força determinante e que seus regimes políticos são decisivos na evolução. Não são mais as necessidades externas que determinam a técnica, são suas necessidades internas. Tornou-se uma realidade em si, que se basta a si mesma, com suas leis particulares e suas determinações próprias (1968: 135).

Ou seja, as perspectivas de Jacques Ellul e de Martin Heidegger, construídas no mesmo momento, apontam para uma essência da técnica moderna que toma o lugar do homem no centro do processo histórico, provocando os problemas que identificamos como tipicamente modernos: industrialização, problemas ambientais, robotização do homem, hiper-racionalização e burocratização dos modos de existência. Vemos, portanto, formar-se aqui as bases de uma crítica moderna da tecnologia, apontando para a atividade técnica como uma substância, uma essência criada e um contexto cultural (a modernidade) que marcará indelevelmente a relação do homem com o mundo[7]. Este mundo moderno será também o mundo da comunicação global e das mídias. A crítica essencialista da técnica será desenvolvida também neste campo.

Na área da comunicação, os maiores expoentes de uma crítica essencialista da técnica encontram-se entre os pesquisadores da Escola de Frankfurt, responsáveis pela criação do conceito de Indústria Cultural nos anos 1940. Max Horkheimer e Theodor Adorno (1974), Jürgen Habermas (1980, 1981, 1990), Walter Benjamin (1984, 1985, 1997), Siegfried Kracauer (1998), foram responsáveis por teorias que têm como foco a potência de manipulação das massas pelos artefatos e sistemas midiáticos, criando uma sociedade na qual imperam a homogeneidade cultural, o achatamento dos valores pela mercantilização da cultura e a banalização das trocas comunicacionais. Por sua postura crítica perante os avanços da ciência e da tecnologia, e por sua aversão à cultura que emergia na expansão das mídias de massa, esses pensadores pós-marxistas criaram o que ficou conhecido como *Escola Crítica da Comunicação*.

Os diversos estudos, como os de Adorno e Horkheimer sobre a dialética da razão, a indústria cultural e a música; os de Benjamin sobre as passagens parisienses, o cinema, a fotografia e a aura das obras de arte em meio à avalanche de reproduções técnicas; os de Habermas, na sua crítica ao esvaziamento da esfera pública, da incompletude do projeto moderno e da crise da razão comunicativa;

7. Não temos espaço aqui para fazer uma longa exposição sobre os pensadores que adotaram perspectivas similares. Apontamos apenas Heidegger e Ellul como emblemáticos, mas autores como Max Weber (1950), Lewis Mumford (1934), Oswald Spengler (1958), Hans Jonas (1990), Hans Freyer (1965), Herbert Marcuse (1968), entre outros, foram muito importantes para estabelecer uma crítica moderna da tecnologia.

e os de Kracauer sobre o cinema e as ameaças sobre a memória causadas pelo desenvolvimento tecnológico, vão apontar os efeitos da tecnologia, encarnada nas mídias como ligados ao mercado, à padronização e mercantilização dos gostos e ao nivelamento por baixo dos desejos.

A dupla mídia de massa e tecnologia moderna embota os espíritos pela lógica capitalista, reduzindo tudo à racionalidade instrumental e à dinâmica industrial. Este fenômeno tem no seu epicentro o surgimento de uma associação estreita entre ciência e técnica, entre futuro e racionalidade tecnológica e instrumental. A técnica é associada às forças repressoras da razão instrumental, ao mercado homogeneizador e à lógica produtivista da indústria. A massificação é, consequentemente, sinônimo de achatamento por baixo da qualidade da cultura. A cultura passa a reproduzir a lógica industrial da produção.

Devemos notar que essas críticas se constituem como um interessante movimento de resistência à cultura que na época se expandia e viria a formar a sociedade do espetáculo do século XX e a cibercultura do século XXI. As denúncias sobre as diversas facetas da indústria de massa (fotografia, cinema, música, literatura) são pertinentes e importantes para apontar as mazelas da mercantilização. No entanto, elas falharam, como mostraram nos anos 1980 diversos estudos agrupados sobre o rótulo de *Estudos Culturais* e estudos de mídias, ao, justamente, apontar essências, sejam da técnica, sejam das mídias.

Isto conduziu a análises globais, substancialistas, produzidas sem prestar muita atenção aos desvios e às reais associações que se colocam em prática nas mediações entre justamente as mídias, as tecnologias e a cultura. Consequentemente, desconsiderar as diversas associações em suas dimensões concretas, levou tanto a crítica frankfurtiana, a filosofia do desvelamento de Heidegger e o sistema total de Ellul a incorrer em análises globais generalizantes, importantes, mas demasiadamente globais, sem descer aos fenômenos e às suas redes. O caráter substancialista, idealista e normativo coloca assim as tecnologias como reféns, ora da razão comunicativa e substantiva, ora da razão instrumental e manipuladora, já que não haveria possibilidade de negociação entre estas dimensões.

Entretanto, arguiremos mais adiante, esta perspectiva não leva em consideração programas de ação e simetrias que formam efetivamente, não mais no global, mas no particular, as redes sociotécnicas e caracterizam o fenômeno técnico e midiático. Podemos dizer que, com a ajuda da TAR, as críticas frankfurtianas não seriam excluídas, mas também não seriam tomadas como estruturas apriorísticas e globais. Elas poderiam aparecer evidentemente em análise sobre alguns fenômenos, mas não seriam um *frame* explicativo de toda e qualquer relação tecnomidiática contemporânea.

Nos anos 1970, 1980 e 1990, o sociólogo Jean Baudrillard e o urbanista Paul Virilio (que de forma sintomática desapareceram atualmente das referências dos estudos em comunicação contemporânea no Brasil) foram críticos das novas mídias, apontando para as mazelas da velocidade, da hiper-realidade e do simulacro[8]. Agora não são tanto as mídias de massa que estão sob o foco da crítica, mas as tecnologias do virtual, as mídias digitais, vistas como a última arma do capital e do espetáculo, de acordo com o visionário Guy Debord (1992), transformando ritos de sociabilidade em simulacro de comunicação e de relações sociais. Como dizia Baudrillard, tudo não passa de um simulacro de comunicação pela comutação de bits, ou como afirmava Virilio, aludindo à velocidade das trocas, tudo não passa de aniquilação das verdadeiras relações, das comunicações e mesmo do espaço urbano e das cidades.

Mais uma vez, estas críticas parecem bem exageradas hoje, se tomadas, evidentemente, de forma global e estrutural. Podemos, efetivamente, encontrar estas situações instauradas pontualmente, mas dificilmente esta visão pode ser tomada como a essência a ser aplicada a todas as mediações com as tecnologias digitais. É no caráter generalizante que esta crítica se enfraquece[9]. No entanto, como veremos com a TAR, elas (as mídias, as técnicas, os dispositivos) não são nada em si, já que só existem em associações, sendo, portanto, reféns dos planos de ação e da simetria dos diversos mediadores a cada associação.

É o que acontece agora com os novos críticos da internet. Jovens analistas como Evgeny Morozov (2011, 2013), Andrew Keen (2007, 2012) ou Jaron Lanier (2010a, 2010b) vão mostrar, de novo por uma perspectiva essencialista, que a realidade não só tinha sido achatada pelos *mass media*, como as novas mídias do virtual estariam desrrealizando o mundo e transformando tudo em um parque de diversão do liberalismo econômico, do trabalho involuntário, do culto dos amadores e do pensamento centrado na ideia de que a colaboração e a participação vão salvar a economia, as mídias, a comunicação e as relações sociais e a política. Emerge uma nova (velha) crítica essencialista atualizada, herdeira de Heidegger, Ellul, dos frankfurtianos, de Virilio e Baudrillard.

Para estes novos críticos, a cultura participativa e colaborativa é um mito, um fiasco, levando ao apogeu uma medíocre cultura amadorística (Keen, 2007, 2012). A cultura digital não passa de uma forma de encantamento por um pensamento centrado na internet fazendo a fortuna e o apogeu do neoliberalismo, tendo na ingenuidade e na ignorância das ciências políticas o seu principal motor (Morozov, 2011, 2013). E o mundo da nova Web, dos aplicativos e tecnologias móveis não passa de um culto fetiche dos *gadgets*, como os novos *tablets*, celulares ou coisas conectadas, da Web 2.0 e da cultura da colaboração e da falácia do *open source* que Lanier chama de *maoísmo digital*. Todos

8. Aqui também podemos apontar inúmeros autores mais contemporâneos, como Bernard Stiegler (1994), Gilbert Hottois (1984), Anthony Giddens (1990), Richard Sennett (1998), Raymond Williams (1974), entre outros. Colocamos os franceses apenas como emblemáticos de um período, não querendo reduzir o pensamento dos outros aos de Baudrillard (1970, 1981, 1990, 1995) ou Virilio (1989, 1996).

9. Daí, talvez, o desaparecimento destes pensadores nos textos atuais, pelo menos no campo da comunicação no Brasil. Isto é muito ruim, pois institui uma polarização que vai se constituir no mesmo erro da essência. Ao afirmar que eles estavam errados, e que tudo não passava de crítica global estéril, aposta-se na visão otimista (alguns vão chamar de *acrítica*).

criticam a falsa percepção da inteligência coletiva (Lévy, 1994, 1997), da cultura da convergência (Jenkins, 2006), ou da cultura da emergência (Johnson, 2001).

Trata-se, portanto, de uma mesma crítica essencialista da tecnologia, insistindo em uma visão e em uma dimensão hiperespecializada que se desenvolve a partir de um pensamento que não abriga as redes sociotécnicas em suas diversas dimensões e programas de ação. Para esses novos críticos da tecnologia, tudo está dado de antemão pelo caráter essencial dos artefatos. Podemos oferecer outra visão da técnica que prima pela dimensão da mediação, do hibridismo e das redes como forma de compreensão das associações que se formam nesta dimensão da existência. Esta visão não essencialista da técnica está presente na Teoria Ator-Rede (TAR).

A (NÃO) ESSÊNCIA DA TÉCNICA NA TEORIA ATOR-REDE

> Eles (artefatos) mediam nossas ações? Não, eles nos constituem[10].
> Latour (1994b: 64).

Acredito que uma saída desta polarização essencialista da tecnologia e das mídias contemporâneas, que colocam no mesmo patamar otimistas e pessimistas, e que nos permitiria ver as mediações em toda a sua fragilidade, é a abordagem da vida social oferecida pela TAR[11]. Esta foi desenvolvida nos anos 1980-1990 nos estudos de ciência e tecnologia por Michel Callon (1980, 1986a, 1986b), Bruno Latour (1994a, 1994b, 2012) e John Law (1992), entre os mais destacados. Ao estudar a relação entre ciência e sociedade, os pesquisadores citados constataram um erro ontológico na constituição de campos autônomos. O social não seria o que explica, de fora, as associações, mas aquilo que emerge das mais diversas mediações entre humanos e não humanos.

Para Bruno Latour, a modernidade deve ser compreendida através de um duplo processo de mediação (produção de híbridos) e de purificação (negação deste hibridismo). Um processo que coloca os modernos como seres estranhos, desenvolvendo modos de existência específicos em diversas áreas (direito, religião, técnica, subjetividade). A modernidade não para de produzir associações entre humanos e não humanos, mas, ao mesmo tempo, purifica esta relação separando sujeito do objeto, natureza da sociedade, técnica do social. Para o sociólogo francês, a modernidade nada mais é do que a "proliferação dos híbridos cuja existência – e mesmo a possibilidade – ela nega" (Latour, 1994a: 40).

No caso da tecnologia e das mídias de comunicação, podemos dizer que esta dinâmica da purificação só é possível através de uma visão instrumental e essencialista da técnica que deixa os humanos ora em posição de *senhores e mestres* das ações (perspectiva esta que podemos chamar de *sociodeterminista*),

10. "They [artifacts] mediate our actions? No, they are us.".

11. Recentemente publiquei um livro ressaltando a importância da TAR nos estudos sobre diversos fenômenos da cibercultura (Lemos, 2013).

ora como vítimas dos malefícios causados pela força externa, independente e autônoma, da técnica (o *tecnodeterminismo*). Por um lado ou por outro, as mediações que podem nos instruir melhor sobre o que realmente acontece nas associações entre humanos e não humanos são apagadas em prol das essências, aplicadas como grandes quadros teóricos (*frames*) que podem tudo explicar.

Não afirmamos que programas de ação *sócio ou tecnodeterministas* não ocorram, mas que eles só podem ser afirmados *a posteriori*, com a análise dos rastros deixados pelos agentes (múltiplos) em determinadas mediações. Tomado de forma essencialista, tudo o que é dito aniquila as mediações e programas de ação dos múltiplos agentes. Esta perspectiva não valoriza as associações, mas os *frames* globais. Fica sempre a impressão de que algo está errado na análise, de que não se está dizendo tudo que realmente acontece. Nada podemos dizer se não formos à análise dos rastros.

Se afirmarmos, por exemplo, que as redes sociais digitais são isto ou aquilo, a experiência pontual pode certamente desmentir as afirmações. Esta é a fraqueza da crítica substancialista e generalizante. No entanto, analisando associações específicas, podemos chegar a resultados que possam apontar para uma agência maior, seja do dispositivo técnico, seja do sujeito humano, como as diferenças do uso do Twitter e do Facebook nas revoluções árabes de 2011, ou por adolescentes seguindo a lógica do programa nas suas relações quotidianas. Mas, mesmo aqui, nada pode ser dito sem *rastrear* o que de fato está ocorrendo.

O que é então a técnica, a tecnologia ou seu modo de existência, já que não podemos falar de *essências*? No capítulo 8 do seu mais novo livro, *Enquete sur les modes d'existence*, Latour (2012) busca descrever, para os tornar visíveis, aquilo que ele chama de *seres da técnica*. Toda a obra de Latour é a afirmação da interdependência dos diversos domínios (chamados de social, econômico, cultural, técnico) e que não podemos pensar a técnica (ou a ciência, ou a sociedade, como substantivos). Para Latour, tudo se define nas associações.

Os modernos, como apontado por inúmeros analistas, buscam estabelecer o fim das superstições e a hegemonia da razão. Não é à toa que Weber (1950, 2000) fala de "desencantamento" do mundo, Marcuse (1968) de "homem unidimensional", Habermas (1990) de "razão instrumental", Mumford (1934) de "substituição da religião e de Deus pela ciência e tecnologia", Freyer (1965) de "administração das coisas". Eles se apoiam nas transformações da civilização com a expansão do discurso moderno de verdade científica e de eficácia das transformações oriundas dos dispositivos técnicos. Ciência e tecnologia substituem a religião e a ciência, ou assim acreditaram os modernos.

No entanto, o mais impressionante nos modernos não é que eles desenvolvam desconfianças ontológicas em relação à religião ou à subjetividade

(o que Latour chama de *seres da metamorfose*), mas o pouco reconhecimento sobre os seres da técnica. Há um grande desenvolvimento técnico desde o século XVII, mas uma ainda maior inexistência de uma correlata *filosofia* da técnica. Ou seja, há muitos híbridos sendo produzidos e, ao mesmo tempo, a criação de uma imensa invisibilidade. Há pouco pensamento sobre os seus modos de existência. Na modernidade, a técnica, embora seja muito desenvolvida, paradoxalmente, só existe sob um modo de invisibilidade, já que ela depende de formas específicas de astúcia, desvio ou apropriações para revelar toda a sua forma de subsistência. Para Latour, é preciso descrever melhor os seres da técnica e suas redes, sem tombar em uma perspectiva essencialista, substancialista, ou de separação entre homem e objeto.

As redes sociotécnicas são formas de descrição da heterogeneidade dos dispositivos materiais de que dispomos em cada situação. Não há, para a TAR, domínios separados que possam ser descritos como os da técnica ou os do social, por exemplo, mas *atores-redes* híbridos, circulando e ultrapassando fronteiras destes supostos domínios (técnico, social, cultural, econômico). Não há sujeito e objeto, mas quasi-sujeitos e quasi-objetos (Serres, 1982, 1994, 1996) formando-se em relação simétrica. Não há sistema técnico, nem domínio técnico ou social, como nos fizeram acreditar Heidegger, Ellul, os frankfurtianos, Baudrillard, Virilio ou hoje Morozov, Keen, Lanier. Neste sentido, os modernos produziram uma ficção que todos acreditamos (por isso somos e ao mesmo tempo *jamais fomos modernos*), que funcionou muito bem, já que é bastante proativa e transformadora, mas que não corresponde a uma ontologia dos seres em questão. Segundo Latour:

> Como se uma central nuclear, um drone, uma armadilha ou um serrote se contentassem, para se manterem na existência, de materiais vindos de dois domínios, o "social" e o "técnico" – e apenas dos dois. Nossa etnóloga já aprendeu às suas custas que, mesmo que exista localmente o que os historiadores chamam de "sistemas técnicos", eles não são feitos "em" técnica, do mesmo modo que o direito não é feito *em* direito ou a religião *em* religião. O que complica a análise, é que não há domínio que possa ser tomado por aquele da "técnica" (não mais que um domínio do social, mas isso é um outro assunto) (2012: 220)[12].

É justamente pelas controvérsias (abertura, desvios, rupturas, apropriações) que podem ser reveladas as redes sociotécnicas invisíveis em seu fechamento (como uma *caixa-preta*). As *infraestruturas técnicas* são sempre pontuais, provisórias, sendo que as controvérsias ajudam a revelar o imbróglio que as constitui, ou seja, abrir as caixas-pretas e desnudar as redes até então estabilizadas. Elas parecem invisíveis (*taken for granted*), mas não passam de estabilizações

12. "Comme si une central nucléaire, un drone, un piège à angule ou une scie à métaux, se contentai pour se maintenir dans l'existence de éléments venus de deux domaines, le 'social' et le 'technique' – et de deux seulement. Notre ethnologue l'a appris déjà à ses dépens, même s'il existe bien localement ce que les historiens appellent des 'systèmes techniques', ils ne sont pas plus fait 'en' technique que le droit n'est fait en droit ou la religion en religion. Ce qui complique l'analyse, ce qu'il n'y a pas du tout de domaine qui puisse être pris pour celui de la 'technique' (pas plus qu'un domaine du social, mais ceci est une autre affaire)".

temporárias, não sendo assim *necessidades*, ou *encadeamentos indiscutíveis*, já que tudo é produzido e inscrito na dinâmica de redes híbridas. O *domínio da técnica* se constitui como uma construção artificial, portanto, pontual, como um mecanismo de simplificação grosseira da realidade. A realidade é um conjunto que se estabiliza a partir de mediação, tradução, rede, caixa-preta, delegação, inscrição, desvio.

Tudo, para se constituir, passa pelo desvio e pela tradução de outros (humanos e não humanos). Assim sendo as trajetórias dos seres da técnica nunca vão *diretamente*, mas se apresentam sempre por desvios e apropriações. Como explica Latour:

> Como Zorro, o ser técnico traça em um raio um "z" de fogo! Tentemos seguir este zigzag. Nada de mais comum, de mais cotidiano: você vai ao escritório em seu carro e, de repente, sem compreender bem, você se encontra em uma oficina, procurando obscuramente compreender o que balbucia um técnico em macacão de trabalho, agachado sob o chassis, que parece designar com sua mão manchada da drenagem do óleo uma peça cujo nome e a função te escapam completamente exceto que (você começa a adivinhar) pela disponibilidade desta reposição e pela habilidade do mecânico, você começa a esperar milagres, sabendo que você "deve passar por isso" se quiser reencontrar o caminho do seu escritório (...) (Latour, 2012: 224)[13].

É justamente a dinâmica da *presença–ausência* da técnica que leva seus seres à ocultação na modernidade. Vivemos uma aceleração de produção de artefatos e processos tecnológicos mas, ao mesmo tempo, a técnica procura se fazer esquecer e desaparecer na constituição da era moderna. O *zigzag*, como movimento do mostrar-se e esconder-se, é o que interessa, já que a purificação (efetuada pelo que ele chama de demônio simplificador da modernidade, o *Duplo Clique*), mata as intermediações e salta do sujeito ao objeto, da natureza à cultura e vice-versa. Paradoxalmente, é justamente a visão instrumental e essencialista, que buscou revelar a realidade dos objetos técnicos, que a esconde, permitindo a retirada e o ocultamento dos seres da técnica.

A crítica à filosofia de Heidegger, ao sistema técnico de Ellul e ao discurso do *Homo Faber* aparecem aqui como causadores deste ocultamento. Se a técnica está sempre velada, instituindo como um sistema total em que nada escapa, se ela é a intenção mesmo da ciência e da economia, ela pode, efetivamente, se retirar e agir como *sistema*, como *perigo* e *destino* do homem no mundo. Os modernos desenvolveram e ocultaram a técnica ao acreditarem no discurso essencialista que os fundou. Como explica Latour,

13. "Comme Zorro, l'être technique trace dans un éclair un 'z' de feu! Essayons de suivre ce zigzag. Rien de plus courant, de plus quotidien: vous alliez au bureau en montant dans votre voiture et, soudain, sans avoir bien compris, vous vous retrouvez dans un garage, cherchant obscurément à saisir ce que marmonne un technicien en bleu de travail, accroupi sous le châssis, qui semble désigner de sa main noircie par l'huile de vidange une pièce dont le nom et la fonction vous échappent tout à fait sauf que (vous commencez à le deviner) de la disponibilité de cette pièce de rechange et de l'habileté de ce garagiste, vous vous mettez à 'attendre des miracles', sachant qu'il 'faudra y passer' si vous voulez retrouver le chemin de votre bureau (...)".

> Se você consegue ver em toda técnica um transporte de eficácia por meio de uma ferramenta "completamente dominada", e se, além disso, você vincula a ela um fabricante que possui na sua cabeça uma forma prévia que ele aplica a uma matéria até então inerte e disforme, então você poderá, por um gesto de prestidigitação, fazer desaparecer o mundo material dando ao mesmo tempo a impressão de povoá-lo de objetos cuja materialidade terá a mesma característica fantasmagórica que aquela da Natureza. Entra em cena o Homo Faber que molda suas necessidades através de ferramentas por uma "ação eficaz sobre a matéria". Cinco pequenas palavras perfeitamente inadequadas para compreender um tal zigzag: não há matéria, não agimos "sobre" ela, a ação não é "eficaz" (ela será talvez, mas mais tarde) e, finalmente, como veremos, não é de todo seguro que seja uma ação, em todo caso não a ação de "alguém" (Latour, 2012: 227)[14].

Para Latour, na visão essencialista que caracteriza o surgimento do Homo Faber, a técnica desaparece justamente no aparecimento da sua essência. Assim, considerar a técnica como *meios para fins* é uma forma indigna de tratar seres tão importantes para a constituição do sujeito e da sociedade. Portanto, é a partir de uma filosofia essencialista, que trata o *ser enquanto ser* (*être en tant qu'être*) e não o *ser enquanto outro*, apontando para a trajetória e o movimento (*être en tant qu'autre*) que a modernidade, ao mesmo tempo em que produz mais e mais híbridos humanos e não humanos, vai esvaziar os seres da técnica de sua realidade. Cria-se, consequentemente, um movimento moderno amplo de ocultação da técnica e de desprezo dos objetos, formado pelos críticos essencialistas, desde o surgimento da matriz moderna da razão, com a filosofia de Platão e Aristóteles, passando por Heidegger, Ellul e os contemporâneos, como vimos. Mas, como explica Latour:

> O desprezo em relação à técnica vem do mesmo modelo de tratamento que serviu a interpretar mal o trabalho da referência… Da mesma forma que havia na epistemologia uma teoria da objetividade como "correspondência" entre mapa e território através da forma, há na tecnologia uma teoria da eficiência como *correspondência* entre a forma e a função. Acredita-se que a técnica é uma ação vinda do homem – macho, na maioria das vezes – e que repousaria em seguida *sobre* uma matéria concebida ela mesma pela confusão da geometria e da persistência (REP – REF). A técnica torna-se, portanto, uma aplicação de uma concepção ela mesma equivocada da ciência (...) No entanto, não é a técnica que é vazia, é o olhar da filosofia do ser enquanto ser que voluntariamente se esvaziou de todo contato com sua experiência: na mais linda barragem, ela não consegue ver nada de original em relação ao Ser. "Simples entes", diria Heidegger (…). (Ibid.: 227)[15].

14. "Si vous parvenez à voir dans toute technique un transport d'efficacité à travers un outil 'parfaitement maîtrisé', et si, en plus, vous lui accolez un fabricateur qui possède dans sa tête une forme préalable qu'il applique à une matière jusque-là inerte et informe, alors vous allez pouvoir, par un geste de prestidigitation, faire disparaître le monde matériel tout en donnant l'impression de le peupler d'objets dont la matérialité aura le même caractère fantomatique que celui de la Nature! Entrée en scène de l'Homo faber qui moule ses besoins à travers des outils par une 'action efficace sur la matière'. Cinq petits mots aussi parfaitement innocents que parfaitement inadéquats pour saisir un tel zigzag: il n'y a pas de matière, on n'agit pas 'sur' elle, l'action n'est pas 'efficace' (elle le sera peut-être, mais plus tard) et, enfin, comme nous allons le voir, il n'est pas sûr du tout que ce soit une 'action', en tout cas pas l'action de 'quelqu'un'".

15. " Le mépris dans lequel on tient les techniques vient de ce qu'on les traite sur le même modèle que celui qui avait déjà servi à mécomprendre le travail de la référence… De même qu'il y avait en épistémologie une théorie de l'objectivité comme 'correspondance' entre carte et territoire par le truchement de la forme, il y a en technologie une théorie de l'efficacité comme correspondance entre la forme et la fonction. On croit que la technique est une action venue de l'homme – mâle d'ailleurs le plus souvent – et qui porterait ensuite 'sur' une matière conçue elle-même par confusion de la géométrie et de la persistance [REP – REF].

La technique devient alors une application d'une conception elle-même erronée de la science! (...) Pourtant, ce n'est pas la technique qui est vide, c'est le regard de la philosophie de l'être-en-tant-qu'être qui s'est volontairement vidé de tout contact avec son expérience: dans le plus beau barrage, elle ne parvient à rien voir d'original quant à l'Être. 'De simples étants', dirait Heidegger […].".

Só uma purificação radical, instrumental e essencialista, pode nos fazer crer (já que trata-se mesmo de crença) que há humanos de um lado e instrumentos do outro. Latour propõe então superar esta visão essencialista da instrumentalidade técnica (Latour, 1994a: 30) pela noção de mediação. Esta é uma forma de tradução entre os envolvidos em uma rede que compõe, em movimento, a vida social. Esta noção de mediação pode ser muito útil para escapar de visões estreitas sobre a *comunicação*, já que as mediações permitem ir além da visão essencialista e mostrar a dinâmica das redes sem se fixar, de antemão, em polarizações de sujeitos e objetos, de causa e efeito, de mídias e contextos, de troca entre humanos. O sentido mais importante para aplicar o conceito de mediação é pensar que as "técnicas têm significados, mas elas os produzem por uma via especial de articulação que cruza as fronteiras do senso comum entre signos e coisas" (Latour, 1994b: 38).[16]

16. "techniques have meaning, but they produce meaning via a special type of articulation that crosses the common-sense boundary between signs and things".

A tradução (outro nome da mediação) é um recurso metodológico interessante por implicar sempre na transformação dos atores em uma dada associação. Se tomarmos o mapa das mediações, podemos prescindir de visões essencialistas e/ou instrumentalizantes dos dispositivos midiáticos e poderemos ver mais tranquilamente as redes sociotécnicas que se formam e analisar, por fim, o social que então se apresenta. Isso parece ser mais interessante para os estudos de comunicação do que partir de visões generalizantes que vão, independentemente do fato observado, dizer sempre a mesma coisa. Pode-se escapar de visões generalistas e ineficazes que tornam prescindíveis, por incrível que parece em se tratando de ciências humanas, os olhares para as relações, para os rastros das ações em análise. Ora, se tudo está dado nas essências, na substância, pouco resta para o que de fato está acontecendo nas associações.

A tradução implica, portanto, no reconhecimento de uma visão que não se sustenta pela separação, mas pela inclusão na qual sujeito e objeto se definem mutuamente. Se adotarmos essa perspectiva, não somos mais nem seres autônomos, nem assujeitados pela causalidade linear de uma essência dos objetos. O importante, para dar ar de nobreza aos seres da técnica, é retirar do objeto técnico toda opacidade que o torna incompreensível e remontar a rede (que o *Duplo Clique* quer apagar) à qual ele se liga por desvios e por cadeias operatórias. A técnica não pode assim ser ainda designada por um objeto, uma coisa, um dispositivo. Antes, ela é uma trajetória do *ser enquanto outro*, ela é sempre transformação de um ser em outro. Todo objeto é apenas a marca temporária de uma trajetória.

> Ah, você quer dizer que há técnicos, engenheiros, inspetores, vigilantes, equipes de intervenção, reparadores, reguladores, *ao redor* e *além disso* objetos materiais?

> Ou seja, humanos, e mesmo um "contexto social"? – Mas não, eu não disse nada disso e pela boa razão de que as técnicas *precedem* os humanos por alguns milhares de anos. Eu digo apenas que se vocês são capazes, vocês Modernos, de omitir os caminhos da referência quando falam de conhecimento objetivo, vocês são perfeitamente capazes de omitir o que instaura os objetos técnicos sob o pretexto, o que é verdadeiro também, que eles se mantêm sozinhos uma vez lançados. Com a exceção de que eles não podem viver sós e sem cuidado – o que é verdade também! É apenas o fluxo das cadeias operatórias que permite desenhá-los. A técnica é mais bem escondida que a famosa *aletheia* (Latour, 2012: 231)[17].

Consequentemente, a maneira de ser da técnica, seu modo de existência, se dá pela invenção, pelo salto de dois outros modos, o da metamorfose (MET) (as transformações do mundo) e o da reprodução (REP) (a busca por persistência e insistência que é próprio das coisas que existem e vivem). Sendo assim, a técnica resulta do cruzamento de dois seres (MET e REP), constituindo-se como um modo misto de existência. Portanto, ela não é, ou não se reduz, ao objeto, ao dispositivo, ao instrumento, à máquina. Antes, é o resultado de um movimento que vai retirar dos inertes e dos vivos um momento de metamorfose e reprodução e vai persistir na transformação. Os objetos técnicos são *mônadas*, *atores-rede*, pontualização de redes sociotécnicas sempre em movimento. Não se trata de uma coisa, um substantivo, mas de um advérbio, de um verbo. A técnica é a forma maior de alteração de um ser em outro, ou como explica Latour:

> "Técnica" não é um substantivo mas um adjetivo: "isto, é técnico", um advérbio: "é tecnicamente realizável", ou enfim ainda mais raramente um verbo: "tornar técnico, tecnicizar". Dito de outra forma, a técnica não designa um objeto mas uma diferença, uma exploração nova do ser-enquanto-outro, uma nova declinação da alteridade. Mas, ao mesmo tempo, minha mesa, os muros da minha casa, meu vaso de cristal *persistem* depois de sua transformação. Contrariamente aos seres da metamorfose, uma vez radicalmente transformados, os seres da técnica *imitam* os da reprodução por sua persistência, obstinação, insistência. É como se a técnica tivesse retirado da reprodução [REP • TEC] como das metamorfoses [MET • TEC] uma parte dos seus segredos fazendo *crescer* as duas espécies de modos de existência. A técnica aparece em primeira aproximação como um modo misto: a rapidez proteiforme de um lado, a persistência de outro (2012: 232-233)[18].

E qual seria o seu modo justo de verificação, sua condição de felicidade? Nada de essências imutáveis, mas ajustes, retificações, apropriações, desvios, dobras e acoplamentos. Definitivamente, não é o objeto técnico que funciona em sua integralidade enquanto indivíduo e substância que demonstra o verdadeiro e o falso do seu modo de existência. Não é a sua essência velada,

17. "Ah, vous voulez dire qu'il y a des techniciens, des ingénieurs, des inspecteurs, des surveillants, des équipes d'intervention, des réparateurs, des régleurs, autour et en plus des objets matériels? Bref des humains, et même un 'contexte social'? – Mais non, je n'ai rien dit de tel et pour la bonne raison que les techniques précèdent les humains par des centaines de milliers d'années. Je dis simplement que si vous êtes capables, vous les Modernes, d'omettre les chemins de la référence quand vous parlez de connaissance objective, vous êtes parfaitement capables d'omettre ce qui instaure les objets techniques sous prétexte, ce qui est vrai aussi, qu'ils se tiennent tout seul une fois lancés. Sauf qu'ils ne peuvent jamais demeurer seuls et sans soin – ce qui est vrai aussi! C'est seulement le flux des chaînes opératoires qui permet de les dessiner. La technique est mieux cachée que la fameuse aletheia".

18. "'Technique' n'est pas un substantif mais un adjectif: 'ça, c'est technique', un adverbe: 'c'est techniquement faisable', soit enfin mais plus rarement un verbe: 'rendre technique, techniciser'. Autrement dit, 'technique' ne désigne pas un objet mais une différence, une exploration toute nouvelle de l'être-en-tant-qu'autre, une nouvelle déclinaison de l'altérité. Mais, en même temps, ma table, les murs de ma maison, mon vase de cristal persistent après leur transformation. Contrairement aux êtres de la métamorphose, une fois radicalement transformés, les êtres de la technique imitent ceux de la reproduction par leur persistance,

leur obstination, leur insistance. C'est comme si la technique avait arraché à la reproduction [REP·TEC] comme aux métamorphoses [MET·TEC] une partie de leurs secrets en croisant les deux espèces de modes d'être. La technique apparaît en première approximation comme un mode mixte: la rapidité protéiforme d'un côté, la persistance de l'autre.".

19. "Dire que les techniques sont efficaces, transparentes ou maîtrisées, c'est prendre la conclusion pour ce qui y mène. C'est rater leur esprit, leur genèse, leur beauté, leur vérité."

escondida das redes em um *ser enquanto ser* da substância que pode revelar o modo de existência dos seres da técnica. Para Latour, é justamente nos erros da busca pela *subsistência* que podemos checar as condições de felicidade para entender os modos de existência dos seres da técnica. Só o demônio moderno do *Duplo Clique* aceita (os críticos, de Platão a Morozov, podem ser vistos como *adoradores* do Duplo Clique) tomar a técnica na sua essência inicial, ou no seu resultado final, apagando as redes e mediações, pulando, *clicando* do sujeito ao objeto, da cultura à natureza, do homem à técnica. Ora, sustenta Latour, "dizer que as técnicas são eficientes, transparentes, dominadas, é tomar a conclusão por aquilo que a produz. É perder seu espírito, sua gênese, sua beleza, sua verdade" (2012: 235)[19].

Assim sendo, duas ações são fundamentais para qualificar este modo de existência, que não é o da substância, mas o da relação, do movimento, da metamorfose (MET) e da persistência (REP), do *projeto* e não do *objeto*: a dobra e o desengate (*pli* e *débrayage*). A dobra é uma forma de evitar falar de domínio técnico (independente) sobre a matéria, a natureza ou o sujeito. Há neste *pli* aquilo que é, a cada associação, *implicado*, *complicado*, *explicado*. A dobra é a tradução labiríntica de outros modos de existência, da subsistência, dos labirintos. Logo, nada de linearidade, de substantivo ou de essencial pode explicar os modos de existência dos seres da técnica. Sobre a dobra, explica o pensador francês:

> O termo dobrar nos evitará o erro de falar da técnica de maneira não irreverente como um empilhamento de objetos ou como um exemplo admirável de domínio, de transparência, de racionalidade que provaria a "dominação do homem sobre a matéria". A técnica é sempre dobra sobre dobra, implicação, complicação, explicação. Sua representação canônica, bem estudada pela sociologia das técnicas, a desenha sob a forma de uma série frequentemente bem longa de tradução encaixadas, de um labirinto (Ibid.: 2012: 236)[20].

20. "Le terme de pliage nous évitera la bévue de parler de la technique de façon irrévérencieuse comme d'un entassement d'objets ou comme d'un exemple admirable de maîtrise, de transparence, de rationalité qui prouverait la 'domination de l'homme sur la matière'. La technique, c'est toujours pli sur pli, implication, complication, explication. Sa représentation canonique, bien étudiée par la sociologie des techniques, la dessine sous la forme d'une série souvent fort longue de traductions gigognes, d'un labyrinthe."

A outra dimensão é o desengate, o que acopla e desacopla como uma caixa de marchas de um automóvel que faz passar da imobilidade a quatro ou mais situações diferentes. O desengate é aquilo que *faz fazer*, o que mobiliza os planos de ações e causa as transformações no espaço, no tempo e nos tipos de atores (actantes mobilizando metamorfoses e reproduções). É pelo desengate que *a técnica faz o homem*, como diria Leroi-Gourhan, que o homem é fabricado mais do que *faber*. Sobre o desengate, afirma Latour:

> É insistindo sobre a noção de desengate que conseguimos melhor qualificar tais gradientes de resistência. A tentação é grande, de fato, de considerar que se existem técnicas, é por que existem antes técnicos! Se cedermos a isso, colocaríamos

> certamente a origem desses seres no pensamento, ou em todo caso nos gestos do *Homo Faber*. O espírito que invocamos, seria simplesmente o espírito inventivo dos humanos, o criador que deve, dizemos, preceder toda criação. (…) quando nos repousamos em uma rede, é certamente a rede que age – e ela não se parece mais com você, outros a teceram; quando você confia no comprimido de aspirina, é a ele, um outro ator vindo de outro lugar, fabricado por outros, que você confiou ou delegou o trabalho de curar a sua dor de cabeça – e ele também não se parece em nada com você; quando um pastor cansado de cuidar de seu rebanho confia a uma cerca e aos seus cachorros pastores de protegê-lo contra os lobos (ou de cachorros vira-latas), o que agora fica de guarda são os piquetes, o arame farpado, os pastores, cada um com sua própria história, sua própria fidelidade, e sua própria fragilidade (Latour, 2012: 237)[21].

Assim, sujeitos emergem de suas obras. Em vez de ações começando no *eu*, e daí partindo aos materiais, talvez seja mais interessante inverter o olhar para fazer emergir o encontro com os outros seres humanos e não humanos. Não se trata, portanto, do *Homo Faber*, o senhor da técnica, que lida com o objeto oculto em sua essência nunca revelada e o inventa, transforma e dá sentido, mas do *Homo Fabricatus*, filho de suas obras, híbrido, levado e inventado pelos acoplamentos e dobras da tecnicidade. Consequentemente, liberado da matéria e do domínio (pela dobra) e do sujeito (pelos engates e desengates), os seres da técnica podem se livrar da visão instrumental e essencialista para, enfim, saírem definitivamente do ocultamento moderno. Podemos agora ver com outros olhos a dinâmica das redes sociotécnicas que se forma e se deforma na cultura digital. Podemos sair do círculo essencialista da crítica.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos o papel das redes sociais nas revoluções de fevereiro de 2011 em alguns países árabes (Lemos, 2013), poderíamos aceitar que essas mídias foram apenas ferramentas para a revolução, que a mensagem estava dada e que a revolução se explicaria por um *devir*, um programa, ou uma potência destas mídias (ferramentas não fazem a revolução, apenas ajudam como ferramentas). Outros afirmaram justamente o contrário, que Facebook, Twitter, vídeos no YouTube ou SMS fizeram a nova revolução que alguns apressadamente chamaram de *Revolução 2.0*. Mostrei que ambos estavam errados em seus argumentos, já que podemos agora pensar em dobras e acoplamentos que se dão em determinadas circunstâncias, mas que podem não mais se repetir. Não há devir, nem potência velada, mas jogo de associações em que um conjunto de actantes executam dobras e desengates específicos em dado momento. No caso da primavera árabe,

21. "C'est en insistant sur la notion de débrayage qu'on va parvenir à qualifier le plus justement de tels gradients de résistance. La tentation est grande, en effet, de considérer que s'il y a des techniques, c'est d'abord parce qu'il y a des techniciens! Si l'on y cédait, on placerait fermement l'origine de ces êtres dans la pensée, en tout cas dans les gestes de l'Homo faber. L'esprit que nous invoquons, ce serait tout simplement l'esprit inventif des humains, le créateur qui doit, dit-on, précéder toute création (…). (…) quand vous vous reposez dans le hamac, c'est bien le hamac qui prend le relais – et il ne vous ressemble pas, d'autres l'ont filé pour vous; quand vous vous confiez au cachet d'aspirine, c'est lui, un autre acteur venu d'ailleurs, fabriqué par d'autres, à qui vous avez confié ou délégué le travail de soigner votre mal de tête – et lui, non plus, ne vous ressemble aucunement; quand un berger fatigué de veiller sur ses brebis confie à une barrière et à ses chiens patous de les protéger contre les loups (ou peut être les chiens errants), ce qui monte maintenant la garde ce sont les piquets, les fils de fer et les patous, chacun avec sa propre histoire, sa propre fidélité et sa propre fragilité".

as mídias sociais foram fundamentais (actantes e não meras ferramentas ou intermediários), mas podem não ser no futuro (serem justamente ferramentas e intermediários). Temos que abandonar as essências em prol das redes que efetivamente se formam para bem descrever as agregações sociais.

Exercer a crítica genérica é colocar a técnica em sua ocultação e, ao mesmo tempo, inviabilizar a análise das redes em movimento. A técnica, como vimos (seja um instrumento de medida, uma ferramenta de transformação, um conjunto como uma máquina industrial, ou uma mídia de comunicação), se conjuga nas dobras e nos acoplamentos, nas associações, e deve ser assim vislumbrada em sua ação (que pode ser negativa e positiva em determinadas circunstâncias). No que se refere à cultura digital, devemos entender que a ação com o uso das tecnologias de comunicação e informação, por mais simples que seja, associa múltiplos atores em uma circulação de mediações e delegações atravessando espaços e contextos: engenheiros, criadores, produtores de informação, empresas, distribuidores, usuários, leis, *softwares* e bancos de dados, servidores, redes... Compreender a cultura digital é entender a relações entre esses diversos atores e suas formas de dobra e acoplagem, através de boas descrições e análises de seus rastros. A essência que oculta, ajuda pouco na descrição do social. Técnica é mediação, movimento. Ela não designa uma coisa, mas um modo de operação. Como mostra Latour:

> Técnico também designa um tipo específico de delegação, de movimento, de mudança que cruza entidades que têm tempos diferenciados, propriedades diferenciadas, diferentes ontologias, e que são produzidas para compartilhar o mesmo destino, criando assim um novo actante. Aqui o substantivo é utilizado bem como o adjetivo, quando dizemos "uma técnica de comunicação", uma "técnica para cozinhar ovos". Neste caso, o substantivo não designa uma coisa, mas um modus operandi, uma cadeia de gestos e conhecimentos, trazendo algum resultado esperado (…). A habilidade técnica não é uma coisa que podemos estudar diretamente. Podemos apenas observar sua dispersão por diferentes tipos de actantes (1994b: 44)[22].

A internet emancipa ou é totalitária? Se partirmos rapidamente para essências e estruturas globais e universais, perdemos as associações, o social que de fato está se fazendo. A crítica e o eufemismo, baseados nas essências e nas análises das estruturas nos deixam sempre com a sensação de que a *verdade* não foi dita, de que está sempre faltando algo. Neste sentido, tanto Morozov como Johnson estão ao mesmo tempo certos e errados[23]. As críticas às novas tecnologias são em geral mal construídas por insistirem na perspectiva essencialista do fenômeno técnico. Pela essência ocultamos os seres da técnica, perdemos as associações e efetuamos rápidos saltos entre domínios aparentemente separados,

22. "Technical also designates a very specific type of delegation, of movement, of shifting, that crosses over with entities that have different timing, different properties, different ontologies, and that are made to share the same destiny, thus creating a new actant. Here the noun is often used as well as the adjective, as when we say 'a technique of communication', a 'technique for boiling eggs'. In this case the noun does not designate a thing, but a modus operandi, a chain of gestures and know-how, bringing about some anticipated result […]. Technical skill is not a thing we can study directly. We can only observe its dispersal among various types of actants'".

23. Faço referência aqui a um artigo de E. Morozov criticando a perspectiva centrada na internet de S. Johnson e à perspectiva deste último de atribuir formas emancipadoras às práticas colaborativas e participativas da internet. Ver o artigo Why Social Movements Should Ignore Social Media no The New Republic. Disponível em: <http://www.newrepublic.com/article/112189/social--media-doesnt-always--help-social-movements>. Acesso em: 13 maio 2014.

mas que são sempre conectados e híbridos. Para além da crítica essencialista, a TAR propõe abrir as redes e enxergar uma terceira possibilidade que escape ao sócio ou ao tecnodeterminismo, trazendo responsabilidades para todos, humanos e não humanos.

Como explica Latour:

> O mito da Ferramenta Neutra sob o completo controle humano e o mito do Destino Autônomo ao qual nenhum homem pode controlar são simétricos. Mas uma terceira possibilidade é mais comumente realizada: a criação de um novo objetivo que não corresponde ao programa de ação de nenhum agente. Essência é existência e existência é ação (...). A responsabilidade pela ação deve ser divida pelos diferentes actantes (1994b: 31, 34)[24].

24. "The myth of the Neutral Tool under complete human control and the myth of the Autonomous Destiny that no human can master are symmetrical. But a third possibility is more commonly realized: the creation of a new goal that corresponds to neither agent's program of action. [...] I call this uncertainty about goals translation. [...] Essence is existence and existence is action. [...] Responsibility for action must be shared among the various actants."

REFERÊNCIAS

ARISTOTE. *Physique*. Paris: Belles Lettres, 1990.

BAUDRILLARD, J. *La société de consommation*. Paris: Denoël, 1970.

_____. *Simulacres et simulation*. Paris: Galilée, 1981.

_____. *La transparence du mal*. Paris: Galilée, 1990.

_____. *Le crime parfait*. Paris: Gallilée, 1995.

BENJAMIN, W. *L'oeuvre d'art à l'epoque de la reproductivité technique*. In: *Essais*, Paris, 1984.

_____. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1985.

_____. *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

CALLON, M. Struggles and negotiations to define what is problematic and what is not: the socio-logic of translations. In: KROHN, K. D.; WHITLEY, R. (Ed.). *The social process of scientific investigation: sociology of sciences,* v. 4. Dordrecht: D Reidel, 1980. p. 197-219.

_____. The sociology of an actor-network: the case of the electric vehicle. In: CALLON, M; LAW, J; RIP, A. (Ed.). *Mapping the dynamics of science and technology*: sociology of science in the real world. London: Macmillan Press, 1986a. p. 19-34.

_____. Eléments pour une sociologie de la traduction: la domestication des coquilles saint jacques et des marin-pêcheur dans la baie de Saint Brieuc. *L'année Sociologique*, p. 169-208. 1986b. Numéro spécial.

DEBORD, G. *La société du spectacle*. Paris: Gallimard, 1992.

ELLUL, J. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREYER, H. *Teoria da época atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

GIDDENS, A. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1990.

GREIMAS, A. J. Les actants, les acteurs et les figures. In: CHABROL, C. *Sémiotique narrative et textuelle*. Paris: Larousse, 1974.

HABERMAS, J. *Técnica e ciência enquanto ideologia*. (Coleção os Pensadores). São Paulo: Ed. Abril, 1980.

_____. La Modernité: un projet inachevé. *Critique*, n. 413. Paris, oct. 1981.

_____. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HARMAN, G. *The quadruple object*. Winchester, Washington: Zero Books, 2011.

HEIDEGGER, M. *Essais et conférences*. Paris: Gallimard, 1958.

HORKHEIMER, M; ADORNO, T.W. *La dialectique de la raison*. Paris: Gallimard, 1974.

HOTTOIS, G. *Le signe de la technique. La philosophie à l'épreuve de la technique*. Paris: Aubier, 1984.

JENKINS, H. *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.

JOHNSON, S. *Emergence: The Connected Lives of Ants, Brains, Cities, and Software*. Scribner, NY, 2001.

JONAS, H. *Le principe responsabilité*. Paris: Flammarion, 1990.

KEEN, A. *The cult of the amateur*: how blogs, mySpace, YouTube, and the rest of today's user-generated media are destroying our economy, our culture, and our values. New York: Doubleday, 2007.

_____. *Digital vertigo*: how today's online social revolution is dividing, diminishing, and disorienting Us. [s.l.]: St. Martin's Press, 2012.

KRACAUER, E. *The disposition of the subject*: reading Adorno's dialetic of technology. Evanston: Northwestern University Press, 1998.

LANIER, J. *Gadget: você não é um aplicativo*. São Paulo: Saraiva, 2010a.

_____. The Hazards of nerd supremacy: the case of wikiLeaks. *The Atlantic*, 2010b. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/technology/archive/2010/12/the--hazards-of-nerd-supremacy-the-case-of-wikileaks/68217/>. Acesso em: 20 set. 2014.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994a.

_____. On technical mediation. Philosophy, sociology, genealogy. *Common Knowledge*, fall, v. 3, n. 2, 1994b. Disponível em: < http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/54-TECHNIQUES-GB.pdf >. Acesso em: 22 ago. 2009.

_____. *Enquête sur les modes d'existence*: une anthropologie des modernes. Paris: La Découverte, 2012.

LATOUR, B.; VENN, C. Morality and technology: the end of the means. *Theory, Culture & Society*. London, v. 19; n. 247, 2002. Disponível em: <http://www.bruno--latour.fr/sites/default/files/downloads/80-MORAL-TECHNOLOGY-GB.pdf >. Acesso em: 12 mar. 2006.

LAW, J. Notes on the theory of the actor-network: ordering, strategy and heterogeneity. *Systems Practice*, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992. Disponível em: < http://heterogeneities.

net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActorNetwork.pdf>. Acesso em: 7 out. 2010.

LEMOS, A. *Cibercultura*: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. *A comunicação das coisas*: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

LEROI-GOURHAN, A. *Le geste et la parole*. Paris: Albin Michel, 1964.

_____. *L'evolution des techniques. I*: homme et la matière et II, milieu et technique. Paris: Albin Michel, 1971.

LÉVY. P. *L'Intelligence collective*: pour une anthropologie du cyberspace. Paris: La Découverte, 1994.

_____. *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997.

MARCUSE, H. *L'homme unidimensionnel*. Paris: Editions du Minuit, 1968.

MOROZOV, E. *Net delusion:* the dark side of internet freedom. Philadelphia: Perseus Books, 2011.

_____. *To save everything, click here. The folly of technological solutionism*. Philadelphia: Perseus Books, 2013.

MUMFORD, L. *Technics and civilization*. London: Routledge, 1934.

PLATON. *Le Politique, philèbe, timée, critias*. Paris: Gallimard, 1985.

SENNETT, R. *The Corrosion of Character, The Personal Consequences Of Work In the New Capitalism*. New York: Norton, 1998.

SERRES, M. *Hermes:* literature, science, philosophy. Baltimore: John Hopkins University Press, 1982.

_____. *Atlas*. Paris: Juilliard, 1994.

_____. *Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SIMONDON, G. *Le mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1958.

SPENGLER, O. *L'homme et la Technique*. Paris: Gallimard, 1958.

STIEGLER, B. *La technique et le temps. 1. La faute d'Epiméthée*. Paris: Galilée, 1994.

VIRILIO, P. *Esthétique de la disparition*. Paris: Galilée, 1989.

_____. *Cybermonde: la politique du pire. Entretien avec Philippe Petit*. Paris: Les éditions Textuel, 1996.

WEBER, M. *The protestant ethic and the spirit of capitalism*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1950.

_____. *Economia e sociedade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

WILLIAMS, R. *Television: Technology and Cultural Form*. London: Routledge, 1974.

Artigo recebido em 20 de julho de 2014 e aprovado em 26 de setembro de 2014.